



Fernando Vendrell *Aparição*, de Vergílio, em novo filme
Entrevista e crítica PÁGINAS 21 E 22

JL / 38 anos

JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

JL

Ano XXXVII · Número 1238 · De 14 a 27 de março de 2018
Portugal (Cont.) €3 · Quinzenário · Diretor José Carlos de Vasconcelos

Valério Romão

Escrever o esquecimento PÁGINAS 14 E 15

Natália Correia

O meu mestre António Sérgio
Inédito da escritora PÁGINAS 27 E 28

Culturgest: duas exposições

PÁGINA 24

Miguel Real

Muitos em um...

Ensaísta, ficcionista, dramaturgo, crítico, etc., com uma vasta e assinalável obra, vai publicar dois novos livros. Tudo numa entrevista a *muitas vozes*, com perguntas de 16 escritores.

Textos de Onésimo Teotónio Almeida e Agripina C. Vieira

PÁGINAS 9 A 13

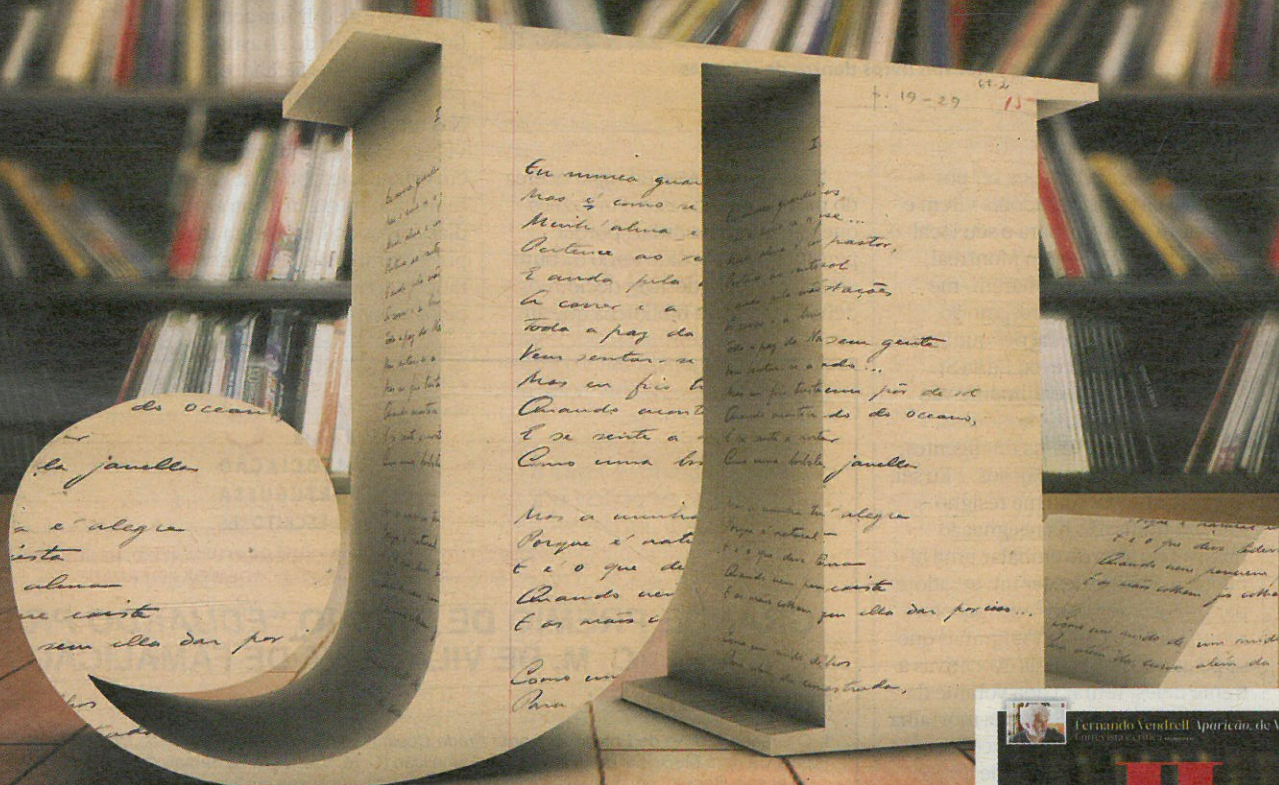


Colunas e crónicas de A. Mega Ferreira, A. C. Cortez, André Freire, Eduardo Lourenço, G. d'Oliveira Martins, Gonçalo M. Tavares, Helder Macedo, I. Loyola Brandão, J. L. Peixoto, M. Sanches Neto, Patrícia Portela, Valter Hugo Mãe, V. Soromenho-Marques * Pré-publicação de Alberto Manguel



jornaldeletras.pt

A CULTURA EM APENAS DUAS LETRAS



JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS
QUINZENALMENTE A CULTURA SAI À RUA

Miguel Real

O pensamento criativo

Um novo romance, *Cadáveres às Costas*, nas livrarias a 20, e um ensaio sobre as "aparições de Fátima", em setembro, são os mais recentes livros escritos pelo excepcional autor que, aos 65 anos, já tem cerca de 60 títulos publicados, de vários géneros, por igual se distinguindo nas áreas da ficção, do pensamento, da reflexão e intervenção críticas em vários domínios. Romancista, ensaísta, dramaturgo, crítico, conferencista e professor de filosofia, entre muitos mais, ele foi distinguido com os dois Prémios Revelação APE/IPLB, em 1980 o de ficção, com *O Outro e o Mesmo*, assinado ainda com o seu nome 'oficial', Luís Martins, e em 95 o de Ensaio, com *Portugal – Ser e Representação*; com o Prémio Ler, do Círculo de Leitores, com *A Visão de Túndalo por Eça de Queirós*; com o Prémio Fernando Namora, da Estoril-Sol, com *A Voz da Terra*, etc. Barómetro de novas tendências da nossa literatura e bússola para se navegar no oceano da cultura lusófona, com presença frequente também no Brasil, não fosse o Padre António Vieira uma das suas referências, a sua obra será o tema de um congresso promovido pela Universidade da Beira Interior, que em novembro juntará dezenas de especialistas na Covilhã. Antecipando a publicação de *Cadáveres às Costas*, o JL, de que é destacado colaborador e crítico há cerca de duas décadas (ler com. de JCV na p. 3), entrevista-o e publica dois textos, de Onésimo Teotónio Almeida sobre o seu pensamento e de Agripina Carriço Vieira sobre a ficção, em particular o último romance. Na entrevista responde a perguntas de 16 escritores e ensaístas, escolhidas e sistematizadas pelo JL, responsável também pelas que não estão 'atribuídas'. Eis o retrato falado e as ideias de uma rara figura da cultura portuguesa

J

JL: Quais as suas 'raízes' – sociais, territoriais, familiares? Havia livros, ou interesse por eles, na casa onde cresceu?

Miguel Real: Nenhum livro, nenhum interesse. Sou filho de donos de um café no Bairro dos Atores. Meu pai tinha migrado de Oleiros para Lisboa aos dez anos. Minha mãe de Estarreja com a mesma idade. Tinham ambos o ensino básico e tiveram de sobreviver uma Lisboa de classe média que não entendiam.

Quando e porquê começou a escrever?

Há sempre um mistério nestas coisas, mas penso que os professores tiveram uma grande influência, sobretudo o professor poeta açoriano Eduíno de Jesus, na Escola Preparatória Nuno Gonçalves. Elogiava-me as redações e aconselhava-me livros na biblioteca. De tal modo me estimulava que me parecia, com 11/12 anos, que a única coisa boa que eu fazia na vida era ler e escrever. Tudo o resto me atrapalhava ou me enfatiava.



Miguel Real "Tudo o que li me influenciou, ora pela novidade das ideias, ora pelo estilo, ora pelo vocabulário, ora pelas personagens, ora pelo enredo"

José Mário Silva: Se escrevesse uma obra autobiográfica, uma espécie de Nova Teoria de Miguel Real, qual seria o primeiro fragmento, a primeira memória, a premissa de partida?

Miguel, o que fizeste do Luís Martins? Não foi justo, condenaste-o à inexistência.

Inês Pedrosa: Que autores o marcaram mais?

Tudo o que li me influenciou, ora pela novidade das ideias, ora pelo estilo, ora pelo vocabulário, ora pela personalidade das personagens, ora pelo enredo, claro ou enigmático.

VIEIRA, EÇA E SARAMAGO

João Tordo: Qual o seu escritor favorito?

Todas as semanas mudo de autores favoritos. Mas três são permanen-

tes – Padre António Vieira, Eça de Queirós e José Saramago. Três faces de Portugal: a mística, de quem amplifica o valor do país; a satírica, de quem o critica e minimiza; por fim, a de quem o desconstrói, desconstruindo a personalidade humana universal da personagem.

José Eduardo Franco: Que figuras da cultura portuguesa são para si uma referência nos planos

intelectual e da exemplaridade humana?

Mortos: Padre Manuel Antunes (fui seu aluno durante quatro anos), pela erudição sem retórica, pela humildade sábia e pela renúncia ao estrelato fácil, pela capacidade de abordar simultaneamente a literatura e a filosofia, a teologia e a ciência, pela sua "sensata" visão de Portugal. Vivos: Onésimo Teotónio Almeida, pela ironia, pelos seus trabalhos cruzados de história e filosofia, criando uma visão nova da história da cultura portuguesa, pela felicidade que evidencia por estar vivo; Guilherme d'Oliveira Martins, pela capacidade de transformar ideias em cultura, uma cultura assumida como motor do quotidiano; José Eduardo Franco, pela persistência como "arqueólogo" da cultura, um escavador que vai trazendo à superfície as raízes mais essenciais da cultura portuguesa.

Antes da escrita publicada, houve as aulas, a docência, a filosofia. O que mais o fascinou no ensino e o que levou à simultânea prática da escrita de ficção?

Eu sempre quis ser professor, não ensaísta, não escritor. Professor de Filosofia do ensino secundário foi o meu modo essencial de vida, para o exercício do qual me levantava com alegria todas as manhãs. Tudo o resto foi (é) belo mas accidental.

FILOSOFIA E LITERATURA SÃO AMBAS FICÇÃO

Patrícia Portela: Qual é para si a relação fundamental entre a filosofia e a literatura?

São ambas ficção. Filosofia é ficção dominada por ideias e controlada por uma sintaxe lógica, rigorosa ou criativa; Ficção é filosofia vestida de carne, de emoções, de sentimentos. Ambas são “pontos de vista” (Leibniz) do autor sobre a existência: Filosofia a um nível teórico, a razão a pensar a razão; Ficção a um nível da sensibilidade. O que significa que por detrás cada romance existe sempre uma filosofia e que cada filosofia não sistemática se pode tornar viva através de uma obra literária ou estética.

Lídia Jorge: Em tempos Miguel Real foi Luís Martins, vencedor, em 1980, do Prémio Revelação da APE, com o livro *O Outro e o Mesmo*. Como surgiu em si uma nova biografia, caracterizada pelo cultivo da diversidade de géneros, apuramento crítico e generosidade de leitura das obras dos seus parceiros?

Cristina Carvalho: Em que medida a sua identidade literária, como Miguel Real, invadiu a sua personalidade e influencia as suas relações com o mundo?

Um dia o Luís Martins zangou-se consigo próprio. Dessa zanga, um conflito épico na minha cabeça, nasceu o Miguel Real. O Luís Martins não gostava de si próprio, o Miguel Real nasceu para apaziguar o primeiro, para lhe suavizar a existência. Disso dei conta em *Carta de Sócrates a Alcibíades, seu vergonhoso amante* (1987), o primeiro livrinho do Miguel Real. Assim normalizei (ou suavizei, socializando-a, institucionalizando-a) uma esquizofrenia latente desde a infância.

“Real” não é sinónimo de “régio” ou de “realeza”. Obedece ao étimo latino e significa “coisas”, descer do céu à terra. O Miguel Real libertou o Luís Martins da prisão de hábitos comportamentais muito paroquiais e forçou-o a fazer “coisas” novas, criativas, que dessem um verdadeiro sentido à sua vida. Conclusão: tornei-me um esquizofrénico normalizado.

Inês Pedrosa: Qual o território onde se sente mais feliz: o ensaio ou o romance?

José Mário Silva: Oscilando frequentemente entre dois géneros, embora os respetivos estilos de escrita sejam distintos, há algum tipo de vasos comunicantes entre eles? E, se sim, como funcionam? Escrevo os dois de um modo partilhado. As investigações para um romance são organizadas, depois, em forma de ensaio, e as investigações para um ensaio são organizadas, depois, para um romance. Sempre escrevi dois livros ao mesmo tempo: de manhã um, à tarde outro, uma semana um, outra semana, outro. Faz parte da minha esquizofrenia normalizada. Um, o ensaio, que sou eu, isto é, o que penso; outro, tentando desdobrar-me em mulher (*Branca Dias, Snu, a Ministra...*), em jovem (*Cadáveres às Costas*), em personagem histórica (*A Voz da Terra...*), em escritor a sério (o Eça

de *A Visão de Tíndalo por Eça de Queirós*; o Vieira de *O Sal da Terra*), até imagino ser o José de Alencar, ousando continuar o seu *A Guerra dos Mascates*).

‘UM POUCO CLANDESTINO EM TUDO O QUE FAÇO’

João Morgado: O leitor compulsivo, apresentador e crítico de livros, prejudica ou dá mais corpo ao Miguel Real escritor e filósofo? O “leitor compulsivo” aprende imenso com os livros alheios: estilos, ideias. Os livros dos outros são o alimento da minha vida e da minha escrita. Sem eles saberia muito

e escrever, durante o dia, quando me canso de um livro ou de um texto, passo para outro, recobrando o prazer da leitura ou da escrita. Nada disto é anormal, mas, sem dúvida, requer disciplina e persistência, os quais, por constância, se transformam em hábitos diários. Não há segredos nem mistérios. Há o prazer da leitura e da escrita.

Viriato Soromenho-Marques: É, ao mesmo tempo, um criador e um espectador ávido e generoso de tudo o que se escreve em Portugal, julgo que quem melhor conhece a atual cartografia da literatura portuguesa. Em que coordenadas

ensaísta mediano e um ficcionista mediano, não gratificado pela genialidade nem pela mediocridade. Não é fácil ser-se mediano!

O PRAZER DE ‘DESCOBRIR’ E O ROMANCE COM TESE

Nuno Camarneiro: Das várias atividades que exerce, por qual mais gostaria de ser lembrado? Intimidades à parte, o maior prazer que tenho como Luís Martins – o muito maior prazer emotivo que tenho, rasando por vezes as lágrimas – é ser reconhecido como bom professor por um antigo aluno. O maior prazer que tenho como

escrita e a escrita dos escritores sobre os quais escreve?

É uma relação de aprendizagem e de iniciação ao mistério da Literatura. Sinto uma espécie de epifania quando leio pela primeira vez um autor que revela uma alma de escritor. Tenho experimentado este sentimento de revelação muitas vezes, mesmo quando me sinto mais exigente como crítico. Desde o ano 2000, há uma nova geração de escritores e pensadores que, repetindo a “geração de ouro” da segunda metade do século XIX, está a firmar os alicerces de uma visão da cultura portuguesa, sem os elementos decadentistas da primeira. Lê-los e conhecê-los é uma honra e um prazer para mim.

Anabela Rita: Tem realizado uma obra em que se evidenciam sintonias e sincronias: estuda alguns temas e autores e elabora-os ficcionalmente (o Padre António Vieira é o caso mais destacado).

Até que ponto essa escrita ficcional paralela é norteadora por uma tese? Sim – cada romance meu defende uma tese forte, habitualmente encontrada, do ponto de vista teórico, no ensaio correspondente. É a lição de Saramago: ficção sem ideias é ficção pífia, mera descrição de costumes ou de complexos comportamentais (neste caso, só o estilo salva o escritor). Exemplo: o ensaio *Nova Teoria do Pecado* alimentou e alimentou-se dos textos para o romance *Cadáveres às Costas*, os quais alimentaram *Fátima* e a *Cultura Portuguesa*, a sair em novembro.

TEMAS, OBRAS E CÂNONE(S)

Lídia Jorge: Nos anos 60, Jacinto do Prado Coelho afirmava que a personagem mais importante da Literatura Portuguesa era Portugal e o seu enigma, e parecia ter razão. Pensa que essa constante se manteve, ou acha que se alterou? Não se alterou, de facto, só se alterou a visão dominante da imagem de Portugal, hoje mais cosmopolita e menos paroquial, menos voltada para dentro de si. Por um lado, o escritor português, na sua maioria, escreve hoje para um leitor global e possui uma escrita cosmopolita, abordando os problemas do homem europeu, as suas personagens possuem nomes europeus ou americanos, e o cerne dos seus romances obedece à dupla relação de Portugal com a Europa e de Portugal com as ex-colónia. Por outro, a relação do escritor com o texto passa pela dimensão (não nacionalista mas) universalista da língua portuguesa. Neste último sentido, os escritores das ex-colónias (Mia Couto, Pepetela, Conceição Lima, Germano Almeida, Abdulai Silá, Ondjaki, Milton Hatoum e outros inúmeros autores brasileiros) engravidaram o português europeu tanto em vocabulário como em sintaxe, como, ainda e sobretudo, em loucos tropismo de imaginação.



Uma obra variada. Capas de alguns dos cerca de 60 livros que já publicou

menos e seria culturalmente mais pobre. Os outros escritores não são o meu inferno, são o meu paraíso. Não há qualquer competição, rivalidade, inveja, o mínimo conflito entre mim e os restantes escritores portugueses.

Patrícia Portela: Como organiza o seu dia entre estilos tão diferentes de escrita, o ensaio, o romance, a crítica?

Era uma pergunta que tinha para lhe fazer um dia, tal a multiplicidade de atividades e áreas em que se desdobra... Isolo-me entre a manhãzinha e a hora do jantar. Evito compromissos sociais que não se relacionem com livros ou amigos, evito tudo o que saiba a responsabilidades institucionais. Depois, é ler

da nossa geografia espiritual situa Miguel Real, como hermenêuta, o Miguel Real, como autor e criador de pensamento?

É muito difícil responder. Nunca temos uma visão clara do nosso trabalho. Tenho por hábito minimizar o que faço, pelo menos não o sobrevalorizar. Tenho consciência de que circulo livremente entre a filosofia e a literatura, não obedecendo a protocolos académicos ou a visões sistemáticas. Sou um pouco clandestino em tudo o que faço, uma espécie de contrabandista de ideias. Não sou um ensaísta que force a História futura a debruçar-se sobre a minha “obra”, nem um escritor que altere o ritmo da história da literatura portuguesa. Contento-me, no presente, em saber-me um

Miguel Real é sentir nas mãos o primeiro exemplar de um novo livro seu/meu. Como Miguel Real não espero vir a ser lembrado no futuro, tenho 99 % de certeza disso. Quando se investiga o passado percebe-se que, com as grandes exceções (homens e acontecimentos), o que perfaz as primeiras páginas do presente pouco se prolonga no futuro. Não serei lembrado no futuro porque não sou um grande escritor ou um grande pensador, daqueles que revolucionam a área em que escrevem. Compenso com o esforço e a disciplina da leitura e da investigação as falhas de um talento natural.

Patrícia Portela: Que relação ou tipo de diálogo mantém entre a sua

Lídia Jorge: Há três anos, em Turim, referiu-se a uma Literatura do Retorno como um dos aspetos importantes da ficção portuguesa mais recente. Inscreve essa temática ainda numa linha de portugalidade ou encara-a como um tema do pós-colonialismo europeu?

Em Turim, referi-me a obras da Lídia, mas também da Teolinda Gersão, do João de Melo, da Dulce Maria Cardoso, de toda a literatura sobre a guerra colonial e sobre a descolonização (Lobo Antunes, Francisco José Viegas, Carlos Vale Ferraz, João Paulo Guerra...). Neste sentido, integram-se nas duas vertentes que enuncia, no sentido em que, por um lado, Portugal estatui-se historicamente como criador da língua portuguesa e, portanto, Mia Couto “também” é civilizacionalmente português, e, por outro, integra-se social, política e culturalmente no grande movimento de retorno da Europa à sua casa e morada de sempre. Assim, sendo diferentes e sem se unirem, se relacionam a obra da Lídia e a de Mia Couto.



O ato de criação é o mais alto ato de liberdade. Se um autor sente os protocolos tradicionais da escrita como uma prisão, deve superá-los

Nuno Camarneiro: Como leitor atento e estudioso da literatura portuguesa, consegue identificar alguns traços que a distingam das demais literaturas mundiais?
Não conheço suficientemente a literatura mundial para arriscar uma resposta. Como referi, a portuguesa é, nesta fase cultural, uma literatura europeia e caracteriza-se pelos seus temas dominantes: o consumismo, as neuroses individuais, o medo das consequências das alterações climáticas, a desagregação dos laços culturais tradicionais, provocando sucessivos desenraizamentos, a crise da família, uma sociedade hedonista, o temor (mais imaginado do que vivido) da digitalização das sociedades industrialmente evoluídas, a sensação de decadência civilizacional da Europa e, sobretudo, um pesadíssimo sentimento de culpa pelo seu passado, hoje considerado de colonialista, pirata e explorador, o pânico dos refugiados que nos entram portas adentro, a indecisão em que vive o Cristianismo, equilibrando-se falsamente entre o antigo e o moderno, a superstição (Fátima) e a devoção. O seu primeiro romance, Nuno, cruzando Pessoa, Kafka e Borges, é um

exemplo nítido desta fase cosmopolita do romance português.

Sandro William Junqueira: Na sua opinião qual é o cânone da literatura portuguesa? E como é que se define?

Meu deus, que questão, Sandro!. Só há uma maneira de responder-lhe: o cânone muda consoante (i) as épocas que o criam (o Romantismo afastava decididamente o Maneirismo e o Barroco do cânone) e (ii) os autores que o limitam (Teófilo Braga minimizava Eça na formação do Realismo e, para não falar de Antero, desprezava a poesia de Cesário Verde). Com exceção dos autores clássicos, que o tempo cristalizou, o cânone obedece a modas literárias conjunturais (hoje, textos desconstrutivistas, fragmentários, expressionistas mas também reflexivos...), à formação e cultura dos teóricos da literatura, às suas preferências subjetivas, ao conhecimento, maior ou menor, das obras literárias, ao estabelecimento de critérios normativos... - elementos todos eles mutáveis e transitórios. Aceitemos, assim, que o problema do Cânone se possa reduzir não à unidade mas à multiplicidade de cânones, porque, como diria Leibniz, a variedade é melhor que a uniformidade e a multiplicidade superior à unidade.

Cristina Carvalho: Como entende e observa as novas maneiras de escrita que muitos adotaram para a sua expressão literária, como, por exemplo, a ausência de pontuação e outros recursos, digamos, não canónicos?

O ato de criação é o mais alto ato de liberdade. Se um autor sente os protocolos tradicionais da escrita como uma prisão, deve superá-los. Assim, cada um a seu modo, o fez Eça, o fez Pessoa, o fez Saramago, o fez Lobo Antunes, assim o deve fazer o novo autor para que a expressão corresponda à sua intenção. Tribunal e polícia em arte não funcionam. Já o sabemos demasiado. O Tempo reduzirá os excessos à sua verdadeira dimensão

Isabel Rio Novo: Alguma vez “teve que” escrever a resenha de um livro que nem queria ler?

Felizmente, nunca. Leio sempre as primeiras 30 páginas. Se tenho dúvidas sobre a qualidade do romance, algumas hesitações, prossigo até às 50. Com esta base, já sei devo continuar ou fechar o livro. Não faço críticas negativas porque não leio romances de que não gosto. Felizmente, foi-me dado viver um tempo de muita elevada exigência dos editores sobre a qualidade do que publicam e, por isso, o crítico tem a vida muito facilitada. Considero que há autores incriticáveis, mesmo se um romance não lhes saiu tão bem: Agustina, Lobo Antunes, Mário Cláudio, Lídia Jorge, João de Melo, Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta, Teolinda Gersão, Rui Nunes... Já provaram tudo o que tinham a provar, já

Uma abordagem hermenêutica de Portugal

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

■ Miguel Real (MR) é um pensador engajado, preocupado com o seu país, não parando nunca de refletir sobre ele, sobretudo debruçando-se sobre as obras dos mais significativos autores que se lançaram na reflexão sobre o percurso existencial português. A sua abordagem da problemática cultural do país insere-se numa tradição portuguesa metodologicamente plural e plurifacetada, sem se filiar especificamente em nenhuma em particular. De algum modo na pegada de Eduardo Lourenço, ele tem estudado o imaginário português, procurando captar traços dominantes da mentalidade coletiva manifestada ao longo dos séculos, identificando características culturais da personalidade nacional, bem como constantes históricas, tudo isso por intermédio de abordagens que tanto podem incidir na cultura popular como na erudita. Um dos exemplos mais eloquentes desse seu incansável e interminável esforço é o livro *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, título óbvia e intencionalmente decalcado no clássico *Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, de Jorge Dias.

O leitor familiarizado com a obra de MR reconhece imediatamente estar em presença de alguns dos seus tópicos prediletos, agora revisitados de novos ângulos, fruto naturalmente das leituras enciclopédicas que o autor continua a fazer sobre todo esse temário. A leitura do livro no seu todo permite descortinar os parâmetros da proposta de interpretação da cultura portuguesa aí sistematizada.

Miguel Real entra quase desarmado e tão à-vontade nas sugestões de explicação e avaliação de Portugal oferecidas pelos autores por ele estudados que chega a ser difícil, por vezes, destrinçar entre o que constitui mera exposição do pensamento de outros e o que seja exatamente a sua própria visão. Noutros casos, porém demarca-se claramente das ideias recebidas. Relativamente à famigerada questão dos estrangeirados, por exemplo, MR passa em revista variadas propostas de interpretação do conceito, mas deixa depreender estar hoje convencido de que, depois da perda do Império e após 40 anos de inte-



Miguel Real "Um pensador engajado, preocupado com o seu país"



Estuda com intensidade Portugal, com que se preocupa com empenho e, acima de tudo, ama apaixonadamente

gração europeia que funcionaram “como os Grandes Normalizadores da vida social e cultural portuguesa, gerando uma população (um povo) por todo o lado igual em complexos comportamentais e por todo o lado homogêneo em padrões de vida”, pois na verdade “somos todos estrangeirados”.

Procurando organizar a complexa quantidade de reflexões coligadas no seu diálogo com uma pléiade de autores, MR sintetiza-as em cinco constantes históricas, por sua vez causadoras de quatro constantes culturais. As primeiras são: uma profunda desigualdade social; o desprezo das elites pelas camadas populares; o duplo complexo de exaltação e desvalorização de virtudes coletivas; a mimetização do estrangeiro levada a cabo pelas elites; e o fenómeno da emigração.

Miguel Real é senhor de um inusitado e vasto conhecimento resultante de uma leitura enciclopédica de autores, muitos dos quais hoje quase apenas ele lê. Pelo menos poucos, ou mesmo

muito poucos, terão lido tanto de tantos autores portugueses (e não escondo o facto de esta minha afirmação ser apenas questão de cuidado, pois o caso dele pode até ser único). Incrivelmente, quem tanto tem lido é, ao mesmo tempo, autor de uma vastíssima obra onde elabora a sua própria interpretação da cultura portuguesa, (para não falar da sua produção paralela de obras de ficção que constituem um tratamento literário da mesma temática que vem abordando nos seus estudos). Ele deve ser, sem favor, atualmente quem mais atenção tem concedido ao que sobre a temática da autogênese portuguesa se vem escrevendo, revelando um conhecimento enciclopédico das obras de outros autores.

No seu conjunto, a sua escrita é toda ela uma abordagem hermenêutica dessa entidade coletiva de oito séculos chamada Portugal que o autor, na tradição de uma longa lista de autores, estuda com intensidade, mas com que – e aí com muito menos parceiros – se preocupa com empenho e, acima de tudo, ama apaixonadamente. Contemplada no seu conjunto, a obra de Miguel Real deixa-me perante a convicção de estar perante um fenómeno misterioso: como é possível ler e escrever tanto e manter o ar sereno de quem está vivo e bem vivo como revela quando conversamos com ele. Eu, por mim, pasmo. E tiro-lhe o chapéu. ■

mostraram exponencialmente a sua qualidade, pertencem a uma espécie de *veterania* literária à qual devo mostrar admiração e respeito, muita admiração e muito respeito.

João Tordo: E alguma vez leu um livro mau de um amigo e não conseguiu dizer-lhe que não gostou? Esse é um grande problema que tenho – os livros dos amigos. Não é propriamente não gostar, mas de considerar que o segundo é inferior ao primeiro, ou os últimos inferiores aos primeiros. Como dizer-lhe? Não digo, mas não faço a recensão. Tento não dar grande importância porque sei, como autor, que há romances felizes, outros menos felizes, outros mesmo infelizes.

João Tordo: O público literário é um nicho dentro do mercado do "livro". Como é que será daqui a 50 anos? Possivelmente, como hoje. Sempre haverá público para quem um romance, um filme, uma peça de teatro, um quadro constituirão o sal da vida. Mesmo que o papel deixe de existir (o politicamente correto), ou diminua bastante a sua produção, o romance continuará a ser escrito e lido em digital. Desde os *Poemas de Gilgamesh* que a humanidade recusa passar sem narrativas escritas, assim continuará ser, o suporte material é apenas uma questão de hábito comportamental.

Sandro William Junqueira: Acredita que a literatura pode tornar as pessoas melhores? Sim, eticamente melhores. Com exceções, a cultura qualifica, tornando o leitor tolerante. Neste sentido, a literatura torna as pessoas melhores, sobretudo mais tolerantes.

‘É UM PRIVILÉGIO VIVER NESTE TEMPO PORTUGUÊS’

José Eduardo Franco: Boa parte dos seus ensaios centram-se no conhecimento da cultura portuguesa. Como estudioso do nosso grande passado, acha que Portugal terá um grande futuro? Que futuro preconiza para o nosso país neste século XXI em que a globalização se complexifica? Cristina Carvalho: Na sua obra, a cultura portuguesa ocupa um lugar central. Que ideia faz da mistura cada vez mais intensa das diferentes culturas ou como encara, no século XXI e no futuro, a ideia de uma cultura nacional num quadro de globalização?

Sinceramente, penso que Portugal será grande no futuro quando não se pensar nem superior nem inferior a todos os outros países da Europa (complexos vieirino e pombalino). Da glória majestática teceu-se a nossa decadência e nem uma nem outra refletiram em verdade a proeza de inovação e risco que foram os Descobrimientos. Uma exagerou, outra diminuiu. Esperemos que no futuro Portugal escolha a medida certa para a felicidade, privilegiando “a ciência, a educação e a cultura” para todos, como diz Guilherme d’Oliveira Martins.

José Eduardo Franco: O que pensa da “utopia” do Quinto Império idealizada por Vieira e depois metamorfoseada e atualizada por autores maiores como Pessoa, Agostinho da Silva e Natália Correia? Entende que esse ideal ainda tem atualidade e pertinência? Sim, o ideal do Quinto Império é um dos mitos mais constitutivos da cultura portuguesa e só uma academia hiper-racionalizada por modas europeias e norte-americanas a pode desprezar, jogando-a para o campo do irracional. Como “utopia”, espécie de “paz perpétua” kantiana ao modo português, penso que consoante o homem evolui e progride mais anseia por instituições internacionais motoras da paz, da igualdade e da tolerância entre os homens.

Guilherme d’Oliveira Martins: Diz-se que Portugal está na moda. Mas que significa isso na criação cultural? Precisaremos de antecipar e assumir uma exigência acrescida na educação, ciência e cultura? Penso que significa que, pela primeira vez na sua História, Portugal é um país que se vê a si próprio como fazendo parte da “normalidade” europeia. Insistir nesta “normalidade” significa mais Europa e, portanto, mais educação, ciência e cultura ao alcance de todos. De certo modo, o banho de Europa que Portugal sofreu desde 1980 normalizou as suas instituições eternamente desequilibradas. É um privilégio viver neste tempo português.

Deana Barroqueiro: Numa sociedade obcecada pelo entretenimento, tem sido uma voz singular e original na reflexão sobre o estado de Portugal e da Europa. O Último Europeu dá-nos uma visão pessimista e desencantada do futuro: continua a pensar que é esse o fim que nos espera ou teremos possibilidade de redenção? O Último Europeu é um grito ficcional de aviso: o que fizermos de mau (demografia, alterações climáticas, devastação do planeta...) conduzirá à “velha Europa” do romance; o que de bom ousarmos (economia 4 D, vida saudável, respeito pela Terra, tolerância nos hábitos comportamentais...) conduzirá à “Nova Europa”. Não pretende ser um romance profético. Limita-se a convidar o leitor a pensar, clamando com toda a força da ficção que o futuro é criado por nós no presente.

‘A SOLUÇÃO ESTÁ DO LADO DAS CAUSAS’

Viriato Soromenho-Marques: É de 2011 um dos seus textos mais ambiciosos, Nova Teoria do Mal. Nessa espécie de nova Teodiceia (com Espinosa, Leibniz e Agostinho da Silva, entre outras vozes, sussurrando ao fundo...) a Europa tem um lugar relevante. Se o escrevesse em 2018 acrescentaria um novo capítulo refletindo o processo de autodestruição europeia, que se agravou muito?



Os três pastorinhos As aparições de Fátima, tema do seu próximo livro de ensaios e são revisitadas no novo romance

Sim, a ausência de líderes políticos de visão ética exemplar, o império do ‘conjunturalismo’ de multidões inseguras e apavoradas (o populismo), o medo de ousar passar da mentalidade de nação para a de Europa como um todo, a crise civilizacional provocada pela robotização e o digital, a substituição do petróleo, a financeirização mundial dos mercados, o cerco do euro à economia..., obrigar-me-ia a juntar mais um capítulo com o título “O Mal da História na Europa que ainda não havia”.

Guilherme d’Oliveira Martins: Olhando a Europa de hoje, sentimos um renascer dos sentimentos nacionalistas, segundo a hipervalorização de uma identidade fechada. Pensa que é uma doença que está para ficar? E como lhe responder?

Sim, veio para ficar e pode corroer o edifício de 70 anos de construção da Europa Comunitária. Precisamos de líderes políticos eticamente firmes mas flexíveis, resistentes ao populismo de esquerda ou de direita mas tolerantes, assentes numa visão clara da Europa dos Direitos Humanos e dos Direitos Ambientais. Qualquer ofensa a estes direitos deve ser solidamente criticada, sem palavras dúbias nem hipocrisia, mas também sem furor, que mais atija o problema do que o resolve. A solução está do lado das causas, não da violência sobre as consequências. Os refugiados vieram desequilibrar a Europa e a Europa só se pacificará se proce-

der à sua inclusão nas instituições europeias sem os acusar de serem outra coisa que não cristãos, forçando os filhos a frequentarem a escola (laica) e dando emprego aos adultos. Há 2500 anos, Péricles inventava obras públicas para que não houvesse um ateniense sem recursos. Precisamos de um Péricles que invente viadutos por fazer, túneis por escavar, armazéns para guardar, viaturas por montar, e que não se intrometa nos hábitos religiosos e familiares dos refugiados, que pouco a pouco se irão alterando.

FÁTIMA E O ROMANCE HISTÓRICO

Nuno Camarneiro: Dá-lhe mais prazer o livro escrito ou o livro por escrever?

Ambos, são prazeres diferentes. No primeiro reside a realização, é um prazer racional, o prazer do Acabado; no segundo, o prazer de ser alimentado pela investigação, pela curiosidade, pela imaginação, pelo Inacabado.

Inês Pedrosa: O que gostaria que escrevessem sobre o seu novo romance quem tanto e tão generosamente escreves sobre os livros dos outros?

Sei que a Agripina Carriço Vieira está a ler, para o JL, o *Cadáveres às Costas*. Gosto muito da sua escrita, é muito lúcida, e, tendo em conta as muitas leituras dos seus textos, tenho em elevado apreço a sua apreciação.guardo com expectativa.

O que o seduziu no tema das aparições de Fátima (e da figura da irmã Lúcia) ao ponto de escrever um romance a partir dela?

Lúcia e as Aparições (as Visões) foram o pretexto para compor um romance sobre o Portugal de hoje – as elites corruptas, a juventude precária, o destino europeu do país, a superstição religiosa, o fosso comportamental entre as gerações.

Deana Barroqueiro: O que o distingue o romance histórico de outros tipos de romance, como o psicológico, o de costumes ou o de tese, já que o romance histórico abarca todas essas componentes na matéria que trata?

O romance histórico pressupõe uma visão (uma tese, nova ou tradicional) do autor sobre o passado, abrangendo igualmente os costumes da época, um léxico da época e a psicologia comportamental de personagens da época. Segundo a teoria inglesa, o romance histórico pressupõe que, pela idade, nenhuma personagem possa estar viva no tempo presente.

João Morgado: O romance histórico é uma refundação da portugalidade?

É uma oportunidade para se repensar Portugal.

José Mário Silva: Em O Deputado da Nação experimentou escrever um romance a meias com Manuel da Silva Ramos, um dos autores mais singulares da literatura portuguesa recente. Que lições, ou aprendizagens, retirou dessa criação partilhada?

A lição da ironia: *O Deputado da Nação* é um romance todo feito de cambiantes irónicos. O Manuel da Silva Ramos é um grande praticante da ironia e, possivelmente, o último mestre surrealista português. Aprendi e aprendo muito com ele.

OBRAS EM COAUTORIA E TEATRO

Manuel da Silva Ramos: Em parceria com a tua mulher, a encenadora Filomena Oliveira, escreveste mais de uma dezena de peças que deram espetáculos teatrais soberbos. O que é que representa para ti o teatro, na tua já extensa obra?

Não sou dramaturgo. Escrevo teatro porque vivo com a Filomena. Se não vivesse com ela, não escreveria teatro. Ela, sim, vive para o teatro e eu tenho todo o prazer em acompanhá-la escrevendo peças em coautoria.

Filomena Oliveira: O modo como escrevemos uma peça de teatro – um escreve uma cena, o outro altera; o primeiro revê, o segundo reescreve; no final, uma dupla revisão – é o modo como escreveste o romance com o Manuel da Silva Ramos?

Sim – escrevemos, reescrevemos, rerescrevemos e rerescrevemos.

mos, numa tessitura contínua de ideias e expressões mediadas pelo editor, o Marcelo Teixeira. Porém, na nossa escrita de teatro não há mediação – não há uma terceira mente a avaliar. Deixo que sejam sempre tu, com experiência de palco, a dar a última palavra

Manuel da Silva Ramos: Por que é que nunca escreveu poesia?

Não sei, sinceramente. Uma possível razão: cerca dos 18 anos escrevi dez ou doze poemas e, comparando-os com o que então lia (Jorge de Sena, Gastão Cruz, Alberto Pimenta, Fíama Hasse Pais Brandão, M. S. Lourenço, Pedro Tamen, José Blanc de Portugal...), pareceram-me uns tão líricamente empolados, outros tão epicamente fúteis que, sem tomar nenhuma decisão, desisti de escrever poesia.

Anabela Rita: Também nunca escreveu memórias de viagem. Foi por falta de apelo da sua 'pena' ou por sentir que responde a ele no âmbito da ficção, deixando-as emergir pontual ou sistematicamente em algumas obras literárias?

Escrevi dois livros de viagens como escritor acompanhante do Centro Nacional de Cultura: um, *Atlântico. A Viagem e os Escravos* (2005), sobre o fluxo dos escravos africanos para o Brasil, com desenhos de Adriana Molter e fotografias de Noé Sendas; outro, *As Missões. Bandeirantes, Jesuítas e Guaranis* (2009), com imagens de Graça Morais. São livros pouco conhecidos.

UM CONGRESSO E 'A MORTE PERFEITA'

Anabela Rita: A sua ficção tem feito a 'rota da Lusofonia'. É deliberadamente que o faz ou a escrita tem sido estimulada pelas circunstâncias?

No princípio, foi deliberado. Mais tarde desisti – ficaram livros sobre o Brasil, Macau, Índia portuguesa, Cabo Verde, São Tomé. O romance a sair este mês tem textos sobre a Guiné-Bissau.

Um congresso, em novembro, vai estudar, analisar, divulgar a sua obra. Como recebeu esta iniciativa, que é também uma forma de homenagem?

Tenho a agradecer, muito, à profª Carla Sofia Luís, da Universidade da Beira Interior, o privilégio que atribuiu aos meus livros e agradecer, muito também, a todos os que aceitaram participar no congresso.

Isabel Rio Novo: Como seria o último minuto na vida de Miguel Real?

Como o Raul Brandão, com a cabeça encostada no ombro da Angelina, no meu caso no ombro da Filomena, escutando, do alto, o rumor dos plátanos de Colares, vendo ao longe os meus netos a correrem. Seria uma morte perfeita. JL

NAS MARGENS DO TEXTO

Agripina Carriço Vieira

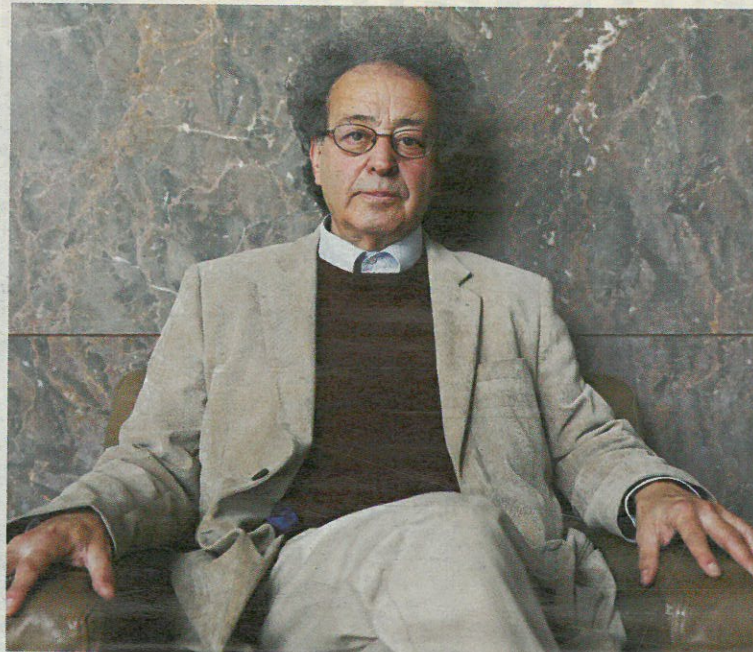
Um país suspenso no tempo

Escritor com uma vasta, variada e riquíssima obra publicada, Miguel Real (MR) é incontestavelmente um dos nomes maiores do panorama cultural português. Percorrendo vários géneros, do ensaio à crítica literária, do teatro à ficção, os seus textos apresentam-se como espaços de reflexão e discussão da mundividência portuguesa, onde o autor procura (dar a) pensar e compreender as formas da nossa realização enquanto sociedade. O caráter multifacetado dos seus escritos constitui-se como uma das especificidades da produção literária do autor, que traz para a ficção essas várias dimensões do pensamento: a filosofia, a história, a teoria literária, a política, as artes...

Se uma característica se destaca como constitutiva do ideótipo do escritor, ou seja, como identificadora da sua escrita, é certamente a dimensão dialógica das suas composições. Assim o leitor de MR, ao abrir um novo livro, parte sempre com a expectativa da descoberta de novos e desafiantes diálogos intertextuais e interdisciplinares. No entanto, nunca esse desejo foi tão plenamente concretizado como neste seu novo romance, *Cadáveres às Costas*.

O título de um romance é sugestão e promessa de viagens por universos que se escondem por detrás desse pórtico, criadas pelo poder da escrita e desvendadas pelo prazer da leitura, que se constitui como procura e construção de sentidos. Se na génese do título está, antes de mais, um desejo de interpelação, no caso de *Cadáveres às Costas* toma contornos de desafio, muito por via da frase enigmática (quer em termos de mensagem, quer de função diegética) que acompanha a designação titular: “O passado demora uma eternidade a morrer”, deixando adivinhar relações intrincadas e complexas entre vários tempos de uma história.

A leitura desvendar-nos-á um texto que faz da subversão a sua pedra basilar, inscrita em vários níveis. Está presente, desde logo, na estrutura capitular, ladeando os seis capítulos centrais por textos intitulados “Epílogo 1” e “Epílogo 2”, deslocando para o início o desfecho da história. Por outro lado, também o discurso surge marcado pelo não respeito das convenções, em particular no uso da pontuação, diluindo-se a fala das personagens no discurso do narrador sem qualquer baliza ou referência. O leitor é assim levado numa vertigem das



Miguel Real “Um texto que faz da subversão a sua pedra basilar”

JOSÉ CARLOS CARVALHO

palavras, feitas texto, onde se mesclam vozes, olhares e pensamentos, como no seguinte exemplo, em que a voz do narrador se apaga, por breves mas significativos momentos, dando lugar à da personagem, tornando mais incisivo o apelo à convivência: “o bispo Passarinho queria provar, com a ajuda prestimosa de v. exa., senhor deputado, que o século XXI seria o século do novo santuário do Parque Eduardo VII” (p. 409).

Mas é ao nível da intriga que o movimento de desconcerto, que caracteriza a obra, plenamente se assume. Esta é a história de um jovem que decide ser escritor e que, por isso, parte em busca do tema do seu romance em devir, mas já com o título *Em Busca de Um Tema para Um Romance*. Para tal, deixa a antiga casa familiar, a mãe e o curso de Direito que frequentava por obrigação, instalando-se num palacete, no cimo do Parque Eduardo VII, pertencente à nobilíssima família Peralta Perestrêllo. Descobrirá os vários, emaranhados e inesperados laços que unem as duas famílias, aí conhecendo d. Consolação, a matriarca, que no dia do seu centésimo aniversário, festejado a 13 de maio de 2017, é visitada pela aparição da Irmã Lúcia, a vidente de Fátima.

A efabulação apresenta-se como o percurso iniciático-literário do futuro escritor, que reveste contornos de errância, magnificamente sintetizado na seguinte passagem: “Verdadeiramente, tinha seis temas

principais, d. Nuno Álvares Pereira, que já rejeitara definitivamente, Lisboa e os Descobrimentos (que abarcava a história do solar/palacete dos Peralta Perestrêllo), a vida do pai e da mãe, a teoria do pai sobre Portugal, a guerra colonial e Fátima. (...) Dos seis, sentia que sobravam os dois últimos, atraíam-me mais do que os restantes.” (p. 266) Mas é com a narrativa das aparições de Fátima que o romance mais intensa e diretamente dialoga, constituindo-se como a sua revisão paródica.

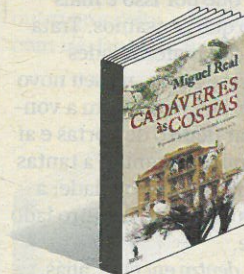
Tal como definida por Linda Hutcheon, a paródia é entendida como uma reconfiguração ou reescrita, que se caracteriza por um distanciamento e comentários



O leitor de MR, ao abrir um seu novo livro, parte sempre com a expectativa da descoberta de novos e desafiantes diálogos intertextuais e interdisciplinares. E nunca esse desejo foi tão concretizado como neste seu *Cadáveres às Costas*

críticos, que tem no seu âmago um movimento de autorreflexividade. Neste caso a carnavalização do fenómeno religioso de Fátima suscita-se em diversos processos de construção da ironia e do sarcasmo que pretendem pôr a nu o avesso do acontecimento (os dividendos políticos que o neto deputado pretende tirar; o desejo de fama e prestígio do bispo; a manipulação dos bem-intencionados e crentes; a promiscuidade entre sagrado e profano). A crítica torna-se ainda mais contundente na medida em que o relato dos acontecimentos ocorridos entre maio e outubro de 2017 em tudo se aproximam dos que tiveram lugar no ano de 1917 na Cova da Iria.

Em *Cadáveres às Costas*, Miguel Real (nome literário de Luís Martins) traça um retrato desapiedado de Portugal e dos portugueses, mas fá-lo num texto pontado de humor de que o seguinte excerto, marcado por uma autorreflexividade corajosa e desconcertante, se constitui exemplo paradigmático. Para ajudar o jovem aprendiz escritor, Sancha, a neta da miraculada, oferece-se para ler algumas páginas do romance em construção ou “dá-las a ler a um crítico literário, seu amigo, crítico, enfim um pouco maçador, mas abalizado, com inúmeros artigos no JL, na *Colóquio*, na revista *Ler com Vida*, da Faculdade de Letras, que se chamava Luís Martins. Eu não o conhecia e recusei terminantemente” (p. 163). Tanto fica por dizer. Apenas as grandes obras nos desafiam a novas leituras e novos entendimentos acerca daquilo que somos enquanto povo, dando nome aos cadáveres que carregamos às costas, transformando-os “numa história viva” (p. 265). JL



Miguel Real
**CADÁVERES
ÀS COSTAS**

D. Quixote, 496 pp, 18,50 euros